

Rui Zink

Luto pela Felicidade dos Portugueses

Rui Zink

**Luto pela Felicidade
dos Portugueses**

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2007, Rui Zink

© 2012, Planeta Manuscrito

Revisão: Eulália Pyrrait

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Abril de 2012

Depósito legal n.º 342 673/12

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-294-5

www.planeta.pt

Índice

I. FADO PORTUGAL

| | |
|--|----|
| 1. Mundo stressante | 13 |
| 2. Banhos de luz | 17 |
| 3. As aparências não iludem | 20 |
| 4. Circo de férias | 23 |
| 5. Dinossauros excelentíssimos | 26 |
| 6. Num céu longínquo | 30 |
| 7. Satisfeitos connosco | 33 |
| 8. Explica-me ao mundo | 36 |
| 9. Elogio da inveja | 40 |
| 10. Relatório minoritário | 44 |
| 11. A voz humana | 48 |
| 12. Longeperto, o Japão | 52 |

II. PORTUGUÊS SEM FILTRO

| | |
|--|----|
| 1. A mais-valia | 57 |
| 2. Medicina-me mucho | 61 |
| 3. Cristiano Figo | 65 |
| 4. A geração dói-dói | 69 |
| 5. Dá trabalho | 72 |
| 6. Falai do mal | 76 |
| 7. A ponte entre dois mundos | 80 |
| 8. A divina dádiva | 84 |
| 9. O bilhar | 87 |

| | |
|-----------------------------|----|
| 10. A despromoção..... | 90 |
| 11. Desejo de verdade | 93 |
| 12. Lições de vida | 97 |

III. METADES DO CÉU

| | |
|--|-----|
| 1. O que eu sempre soube acerca das mulheres... .. | 103 |
| 2. Operários em construção | 105 |
| 3. Mente virtuosa | 109 |
| 4. Fidel Castro | 112 |
| 5. Magnólia | 116 |
| 6. Roupa interior..... | 121 |
| 7. Liberdade vigiada | 125 |
| 8. Os Sopranos | 129 |
| 9. <i>La donna non è un Playmobile</i> | 132 |
| 10. Super-heroínas | 135 |
| 11. Boas relações..... | 138 |
| 12. O poder do amor | 142 |

IV. HOJE É O PRIMEIRO DIA

| | |
|-------------------------------------|-----|
| 1. O pontapé no carro | 147 |
| 2. A custódia do filho | 151 |
| 3. O diadia | 155 |
| 4. Batem leve, levemente | 159 |
| 5. Casa tomada | 163 |
| 6. A felicidade | 166 |
| 7. Por que temos filhos?..... | 170 |
| 8. No princípio não é o verbo... .. | 173 |
| 9. Dentro de momentos..... | 178 |

| | |
|---------------------|-----|
| Nota do autor | 181 |
|---------------------|-----|

I

Fado Portugal

1

Mundo stressante

Paira sobre nós a nuvem da guerra, cujas gotas já nos terão decerto salpicado quando estas palavras encontrarem os olhos de alguns leitores. Apetecia-me ir já dormir, estou cansado, sem grandes ideias, ando há semanas para pôr uma simples encomenda no correio. Aliás, ainda tenho postais do último Natal para agradecer. Gostaria de o poder fazer daqui, mas só ao papa e ao presidente da República Portuguesa são permitidos agradecimentos colectivos. Assim, não dá.

Stress, em português, significa pressão, uma pressão sobre a nossa cabeça, os nossos ombros, que nos empurra para baixo, nos torna difícil o mínimo gesto, nos põe os nervos em franja à mais pequena corrente de ar. Sinto que estou a entrar em *stress* quando me irrita por tudo e por nada. E quando me preocupo tanto com tudo o que tenho a fazer que... não faço nada.

Stress, em português, significa tensão, uma tensão permanente. Vivemos numa época que valoriza a velocidade, mas que está sempre pronta a desapontar-nos. Os jornais prometem um novo escândalo já para amanhã. Mas depois

o novo escândalo não chega. Os terroristas prometem um novo ataque para breve – e a sua vitória começa logo nesta tortura lenta que é a espera. E a guerra, quando começa? Já começou ou já acabou? Para cúmulo, o trânsito não escoa. Querida, vou chegar mais tarde, fui apanhado num engarrafamento, nunca imaginei que as pessoas fossem todas trazer hoje o carro para a cidade! Eu sei, senhor guarda, não posso falar ao telemóvel quando estou a conduzir, mas a bicha não está a andar, pois não? O senhor guarda devia era preocupar-se com os carros que estão em segunda fila. Não, eu não estou em segunda fila, fui só ali num instantinho ao Multibanco, onde é que queria que pusesse o carro, ora diga lá, hein?

Um *stress*, este mundo.

Claro que o senhor apanhado no engarrafamento, se pensasse um bocadinho, repararia que **não foi apanhado no engarrafamento, ele é o engarrafamento**. E que de nada serve estar continuamente à espera que comece a guerra, porque ela não depende de nós, não mais que o último escândalo. Pobres jornalistas, pobres perversos, pobres agentes do Bem.

Aliás, a maior parte das profissões exaltantes só o são nos filmes americanos. Na vida real, ser detective é uma seca. Os soldados na frente de batalha passam mais tempo do que nós à espera de um programa que comece a horas. E o horror dos escândalos de costumes tem o lado triste de ser banal, tristemente banal. A vida, mesmo no seu melhor, nunca tem música de fundo. A vida, mesmo no seu pior, nunca tem música de fundo.

(Um *stress*, a ausência de música de fundo.)

Uma das coisas que mais *stress* me causa é a minha incapacidade absoluta de arrumar o escritório. Na faculdade, faço o possível por evitar receber alunos no meu gabinete, porque senão lá vão por água abaixo os meus discursos sobre rigor e método. Tenho a mania de escrever em papelinhos – volto geralmente a encontrá-los passado um ano, na selva amazónica que cerca o meu computador, junto com a poeira cósmica e várias colónias de ácaros. Descubro então uma de duas coisas: que a ideia guardada não valia um chavo; ou que já não percebo nada do que está lá escrito.

Pois é, a minha mãe queria que eu fosse médico; fiquei-me a meio caminho, apenas com letra de médico. Já é alguma coisa, expliquei eu à minha mãe. E não há farmacêutico que me interprete os hieróglifos.

(Um *stress*, os papelinhos com gafafunhos irreconhecíveis.)

Dito isto, até parece que me estou a queixar. Nem por isso. É verdade que o meu escritório faria morrer de inveja uma masmorra da Inquisição, pela imundície amontoada, mas já percebi que a desarrumação faz parte do meu encanto pessoal. Adeus caos, adeus eu. Já não é defeito, é feitio. E esta consciência alivia. Sei também que, embora a guerra não seja decidida por mim, *eu tenho uma palavrinha a dizer*. Não acredito que os grandes do mundo me oiçam, mas também não é com eles que falo.

Às vezes, sim, sei que o melhor era estar calado. E até conheço o irritante provérbio «O silêncio é de ouro». Acontece que eu não gosto de ouro. Não uso anéis de ouro. Não tenho dentes de ouro. Nem pinto o cabelo de louro. Comento a realidade porque está na minha natureza fazer isso, e porque é humano responder a provocações, porque é isso que

faz um cidadão neste mundo: quando lhe colocam uma questão que diz respeito à sua condição de ser vivo, opina.

De preferência, eu opino depois de ponderar e de me informar um pouco. Mas não abduco nem da minha preguiça em ponderar no que digo nem de dizer o que penso sobre determinado assunto.

(Claro, se o amigo insistir em continuar com essa pistola apontada, eu posso mudar de ideias.)

Ninguém melhora com a idade. Falo por mim, sei que não estou a ficar melhor, apenas mais parecido com o meu pai, e que tenho cada vez mais tendência para me repetir. Se calhar, por isso, já falei desta citação de Sartre, uma das minhas favoritas: «Quando tomo consciência de que sou estúpido, deixo logo de ser estúpido.» Penso que se pode adaptar a fórmula e dizer: «Quando tomo consciência de que estou em *stress*, deixo logo de estar em *stress*.»

(Era bom, era. Ai, amanhã tenho um dia horrível!)

Banhos de luz

Por razões que não vêm ao caso, ultimamente ando sempre um passo atrás do tempo. Durante anos gabei-me de ser dos poucos luso-nascidos capazes de ser pontuais; agora o Portugal-que-há-em-mim apanhou-me e não me quer largar os fundilhos das calças. É uma chatice e causa algum *stress*. Até já marco encontros para «entre as oito e as oito e meia», e só apareço... às nove. O poeta Alberto Pimenta chega sempre cinco minutos antes a todos os encontros, e assim devia ser. Ou «devia de ser», se falarmos futebolês. O desejo de não fazer os outros esperar revela mais respeito do que o «detesto esperar» egoísta e mimado que estamos habituados, muito mal habituados, a proferir.

A razão por que se pede sempre o trabalho «para ontem» é também muito simples. As próprias pessoas que encomendam trabalhos não são pontuais e só se lembram do que era necessário quando já se está muito perto do prazo. Isto tudo provoca um *stress* que já não me tenho em mim.

Mas o tempo é apenas uma parte do problema, um indicador, um sintoma. Mais grave do que o mimo do «detesto esperar» (e que tal levar um livro?), é a mania de Querer

Tudo: as vantagens, só as vantagens, sem aceitar as desvantagens inerentes que, à laia de lastro, qualquer vantagem traz. Um exemplo: se vamos para deputados é evidente que não podemos, enquanto o formos, continuar a ser jornalistas, né? Pois então. Se optamos por integrar o governo não podemos depois dizer que detestamos o poder. Se eu sou professor não posso escusar-me a dar notas. Por acaso, abomino dar notas, mas é como a conta no fim do almoço, vem com o serviço. E como gosto de dar aulas tanto como de almoçar, aceito pagar o preço. Se for mestre-de-cerimónias no 10 de Junho não posso, depois, vir numa entrevista dizer que «sempre fui muito rebelde»... Com franqueza. E no entanto não devia ser difícil perceber que, quando fazemos certas opções, perdemos sempre alguma coisa: um bom salário, tempo para ir aos copos com os amigos, o direito de a nossa empresa fazer bons negócios com o Estado... Já mais legítimo, apesar de tudo, é investir no futuro e estabelecer bons contactos com futuros empregadores, quando o nosso partido perder as eleições. Não é lá muito correcto, mas sempre é menos mau do que acreditar que todos os banhos de lama são poções de beleza.

Neste mundo somos todos homens de ganhar – o que desautoriza é o modo. Não recordo quem disse esta frase, se o Cavaleiro de Oliveira ou António José da Silva, ambos livres-pensadores oitocentistas. Mas ela é tão boa que a repito: neste mundo somos todos homens/mulheres de ganhar, o que desautoriza é o modo.

Não me levem a mal, até sou boa boca. Por educação e por temperamento, sou relativamente tolerante para com as opções dos meus amigos, inimigos e desconhecidos.

Conheço pessoalmente uma mulher que produz *reality shows* cujo único objectivo é fazer dinheiro à custa dos papalvos que estão dentro ou fora da jaula a assistir. Não tenho nada contra e, quando a vejo, sou cortês e simpático. Um dia destes até talvez experimente, para ver se é tão aviltante da condição humana como dizem. Mas fico assustado quando a minha amiga se acha muito espiritual e pouco dada a coisas materiais. Está mal. Vi no outro dia uma astróloga numa entrevista dizer, sem lhe crescer o nariz, que se podiam «sentir as vibrações das pessoas» através das consultas mediúnicas de valor acrescentado que ela, feita supermercado humano, fornecia. Está mal. O homem que estaciona o carro em cima do passeio não se sente pouco adulto quando, com um encolher de ombros, diz: «O que quer que eu faça, ó amigo?» E no outro dia estive com um intriguista nato que, como todos os intriguistas, «detesta intriguistas»...

Vivemos num sistema em que os retardatários detestam esperar, os capazes de tudo se julgam filósofos de asas brancas, os vigaristas se acham com bom coração e se confunde ética com etiqueta. Não, não me estou a queixar. Adoro este cantinho, até porque... eu próprio sou um pouco assim. Mas a vida não pode ser só uma embriaguez contínua (era bem bom!). E a ressaca, se a soubermos gerir, pode ser nossa amiga: um sintoma útil de que talvez estejamos a ir longe de mais na nossa orgia de auto-ilusão. Nesta época de sol e praia, que tal, além dos banhos de sol, apanharmos também uns pequenos banhos de luz... por dentro? Só para recarregar baterias.

As aparências não iludem

A primeira pergunta é, sempre foi: **Quem sou eu?** É uma boa pergunta, ou melhor, não é uma boa pergunta. Dito de outro modo: é uma pergunta sem interesse nenhum mas que, por uma qualquer razão, nos interessa. Sócrates (o filósofo grego) dizia: só sei que nada sei. Com isto queria ele dizer que todo o conhecimento parte da consciência da sua ausência. Está bem, melga. Ao saber que nada sei já sei alguma coisa – até aí também eu chego. E saber quem eu sou será, talvez, um bom passo para quem quer conhecer o mundo. Parece lógico, como tudo o que os filósofos dizem. Acontece que, infelizmente, não é verdade. A verdade é mais dura mas, ao mesmo tempo, mais libertadora: uma pessoa conhecer-se a si própria não serve de nada. Antes pelo contrário: benditas as pessoas que se desconhecem a si próprias, porque delas será o reino dos céus... e, quase de certeza, também o da terra.

É triste *mais c'est ça*: o conhecimento de si próprio é para os tolos.

A segunda pergunta? A segunda pergunta é, sempre foi: **Quem és tu?** Não é de todo uma má pergunta, embora seja

uma péssima pergunta, mas a culpa não é dela nem sequer de quem a coloca. Faz parte da natureza humana. E a resposta é sempre, lamento dizê-lo, invariavelmente uma desmedida mentira, mesmo quando quem responde acredita estar a dizer a pura verdade. «Eu sou Sicrano», «eu sou Beltrano». Pois como pode alguém que não se conhece (um eu ignorante de si) dizer a outrem de que terra é feito? Por exemplo, serve de alguma coisa eu dizer «Sou o Paulo», quando esse nome foi decisão não dele mas dos seus pais? Ou dizer «Sou estudante», quando daí a algum tempo será outra coisa? Ou «Moro acolí» ou «Amo-te» ou «Sou tímido», «Sou feliz», «Sou louro», «Sou jovem»?

Não, ninguém é aquilo que diz que é. Quando muito, diz, com alguma sinceridade, aquilo que está. Nós é que, por defeito ou feitio, não sabemos usar a língua e, atrás da língua, lá nos vai também a cabeça. Ninguém é ministro, está ministro. Governar-nos-íamos melhor se evitássemos este tipo de confusão entre os dois verbos. Ninguém é advogado, professor, funcionário, médico, passageiro de autocarro ou de metro. Podemos estar, por algumas horas, nessas funções, mas não somos isso, não é isso que somos. Só os idiotas julgam que são as funções que, durante algumas horas das suas vidas, ocupam.

E, sim, admito, talvez dentro daquela criança que brinca com uma Barbie esteja já, em potência, a tenente-coronel do exército. Mas, por favor, vamos por partes: potencialidade não é realidade. E a realidade é móvel: se característica tem, é a de nunca ser a mesma. Algo se mantém mas, o mais das vezes, nem nós sabemos o quê. As memórias? As memórias vão-se modificando. O corpo? O corpo vai-se transfor-

mando. As ideias, os sentimentos? Não me façam rir, que tenho cócegas.

A terceira pergunta é menos idiota: **Quem somos nós?** Isso não impede que o seja de igual modo, idiota. Mas, pelo menos, é bem-intencionada. É uma pergunta que, sabendo que a realidade lhe foge, a tenta agarrar, por um instante que seja, e tenta dar sentido àquilo que na vida faz sentido fazer sentido: quem somos nós? Este nós é quase sempre mais um «nós dois» do que um «nós todos», e ainda bem que assim é. Dois foi a conta que Deus fez, antes de inventar o *ménage-à-trois*.

Estou a brincar, não foi Deus que inventou o trio amoroso, não mais que ao trio Odemira, foram os franceses. Ainda assim, dois é um bom número – pelo menos para começar. E a pergunta – Quem somos nós? – até nem está assim tão longe da mais correcta: **O que fazer connosco?**

Fazer, tão simples como isso. Conhecer é para os parolos. Interpretar, então, é para os nabos. Queremos ler-nos a nós e aos outros? Nada de mais fácil, basta ler nos gestos, como os surdos-mudos fazem aos lábios. É pelos nossos actos, e pelos actos dos outros, que nos podemos conhecer. E, sim, disse os gestos. Os actos sobretudo, naturalmente, mas também os gestos, também o modo como os outros nos aparecem... e como nós aparecemos a nós mesmos.

As aparências iludem? Não, as aparências não iludem. Acontece apenas que quase nunca sabemos ler as aparências.